

---

**RESULTADO**  
**DE**  
**PESQUISA**

---

A Utilização dos Organizadores da Pesquisa de Spitz como Instrumento de Acompanhamento do Desenvolvimento de Crianças

# 1

## A UTILIZAÇÃO DOS ORGANIZADORES DA PSIQUÊ DE SPITZ COMO INSTRUMENTO DE ACOMPANHAMENTO DO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS

*Neusa Guaraciaba dos Santos*<sup>1</sup>

*Elaine Pedreira Rabinovich*<sup>2</sup>

*Denize Cristina de Oliveira*<sup>3</sup>

*Amado Augusto Franco de Siqueira*<sup>4</sup>

### RESUMO

SANTOS, N. G. et al. A Utilização dos Organizadores da Psiquê de Spitz como Instrumento de Acompanhamento do desenvolvimento de Crianças. *Rev. Bras. Cresc. Des. Hum. I(2)*: 1991.

O presente trabalho é resultado de um estudo longitudinal que acompanhou 60 crianças por um período de 12 meses. Esse estudo buscou testar alguns indicadores do desenvolvimento infantil, dentre eles os organizadores da psique de Spitz.

O que se pode observar com o presente estudo foi a dificuldade de delimitação conceitual dos organizadores, acarretando dificuldades de observação em situação natural; bem como a plasticidade etária no aparecimento das reações indicativas de cada organizador.

Concluem os autores que a reação do sono, o medo de estranhos e o manejo negativo da cabeça são indicadores ricos do ponto de vista teórico, porém pouco sensíveis como instrumento de acompanhamento do desenvolvimento infantil.

### INTRODUÇÃO

O estudo do desenvolvimento infantil pode ser feito segundo dois grandes eixos: estudos provenientes de um trabalho analítico, ou seja, a reconstrução de uma história de vida através de relatos verbais de experiências; e, no outro eixo, abordagens diretas do ser vivo. Representando a primeira corrente, impõe-se o nome de Freud e seus seguidores; no outro eixo, Piaget e psicólogos da aprendizagem.

Buscando uma superposição, ou uma interpenetração dessas duas perspectivas, uma

direta, outra indireta, destaca-se Spitz, que foi o pioneiro no campo de estudos de bebês.

Embora sua preocupação principal tenha sido o estudo da relação objeto^j seus trabalhos colocaram em evidência a importância da relação mãe criança, atribuindo a esta uma importância vital. Spitz articulou essa relação com o desenvolvimento ontológico do funcionamento psíquico da criança, criando, para tal, o modelo dos organizadores.

Ainda segundo Spitz (1965), os organizadores da psique marcam níveis de integração da personalidade. Em determinado momento de vida

1 Psicóloga clínica, mestranda em Psicologia/USP e pesquisadora do CDH.

2 Psicóloga clínica, mestranda em Psicologia/USP e pesquisadora do CDH.

3 Mestre em Saúde Pública, doutoranda em Saúde Pública/USP e pesquisadora do CDH.

4 Professor-titular da Faculdade de Saúde Pública/USP e presidente do CDH.

da criança, há uma integração entre os processos de maturação e de desenvolvimento, sendo o organizador o produto de tal integração. Após esta ocorrência, o aparelho psíquico passa a funcionar de uma maneira nova e diferente.

O que revela o estabelecimento de um organizador da psiquê é a manifestação de comportamentos novos e específicos. Tais comportamentos podem ser considerados sinais de que a integração ocorreu e são chamados indicadores.

### Reação do Sorriso

O indicador do primeiro organizador da psiquê é o aparecimento da resposta de sorriso. Este padrão de comportamento específico é um indicador observável de que houve uma convergência e uma integração de tendências e eventos psicológicos e de maturação.

Em torno do terceiro mês de vida ocorre a formação de um “eu” rudimentar com uma incipiente separação da mãe, quando o “bebe se torna consciente de que pode ouvir os sons que ele mesmo produz e que estes sons são diferentes daqueles advindos do ambiente que o cerca” (Spitz, 1965, p. 98). Neste momento, o bebe começa a ter alguma individualidade, começa a se distinguir um pouco da mãe, embora ainda não a reconheça. Assim, o sorriso é o sinal do primeiro organizador das relações sociais que o bebe esboça em seu meio.

### Reação a Estranhos

Segundo Spitz (1965), durante a segunda metade do primeiro ano de vida, por volta do oitavo mês, a criança torna-se capaz de distinguir o objeto libidinal (a mãe ou substituto) de estranhos. A ansiedade do oitavo mês indicaria o aparecimento do segundo organizador da psique. Nesse momento, a criança passaria a discriminar objetos animados de inanimados e passaria a ter relações de objeto propriamente. A diferenciação entre o eu e o “não eu” estabelece a separação entre o sujeito e o seu ambiente. A partir desse momento, a criança ampliará o seu repertório de comportamentos, desempenhos e relações.

A “ansiedade dos 8 meses” ou “ansiedade de separação” resultaria numa série de comportamentos ante um estranho, que vão da apreensão à ansiedade propriamente dita. O denominador comum dessas reações seria “uma recusa de contato, com um tom mais ou menos carregado de ansiedade” (Spitz, 1965). Devido

ao desenvolvimento da capacidade de retenção da memória, a face do estranho passa a ser comparada com a imagem da memória da face da mãe. A ansiedade apareceria quando o resultado desta comparação sugerisse ao bebe que suas necessidades poderiam não ser satisfeitos porque a “mãe foi embora”.

### Meneio Negativo da Cabeça

Afirma Spitz (1984) sobre o terceiro organizador que:

em média a criança normal aprende a compreender o meneio de cabeça adulto com negação ou proibição no primeiro trimestre do segundo ano. Naturalmente, vimos muitas crianças precoces que compreendem este sinal mesmo antes de completar o primeiro ano, mais ou menos entre o décimo e o décimo segundo mês. Mas, como sinal intencional, esse gesto só é usado pelas crianças mais tarde, no segundo ano de vida.

O presente trabalho faz parte de uma proposta mais ampla\* nas áreas de saúde pública e saúde coletiva, visando a busca de estratégias para o acompanhamento do desenvolvimento infantil. Considerando-se as especificidades dessas áreas, ou seja, atendimento a uma população de crianças, escassez de recursos financeiros e humanos, os instrumentos requerem um desenho de fácil aplicabilidade, não necessitando de treinamento sofisticado nem de materiais ou equipes dispendiosas. Apesar destas limitações, o alcance e a especificidade dos instrumentos devem ser mentidos.

A partir destas considerações, a observação dos indicadores dos organizadores de Spitz foram escolhidos como instrumento de acompanhamento de desenvolvimento, dado a aparente facilidade na aplicação e grande alcance.

### MATERIAL E MÉTODOS

Foram acompanhadas 60 crianças na faixa etária de zero a 12 meses durante o período de um ano, através de visitas domiciliares, com uma média de quatro visitas por criança. Tais crianças, inscritas no Programa de Saúde da Criança do Centro de Saúde estudado, foram captadas no período de um mês, obedecendo ao critério de residirem no sub-distrito de Vila Madalena. A fase de recrutamento ocorreu por ocasião de atendi-

\* Projeto de Pesquisa intitulado “Estudos de Métodos e Instrumentos de Acompanhamento do Desenvolvimento Geral da Criança em Unidade Sanitária”, desenvolvido pelos autores junto ao Centro de Saúde Escola Geraldo Paula Souza da Faculdade de Saúde Pública da USP, financiado pelo Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq.

mento de rotina quando então as mães eram convidadas a participar do estudo.

### Procedimento

Para a verificação da reação de sorriso recíproco (primeiro organizados) observou-se crianças na faixa etária de dois a quatro meses. O observador apresentava a face de frente para a criança, de maneira que esta pudesse ver os dois olhos, em seguida movia a face. Anotava-se a reação apresentada pela criança, ou seja, presença ou ausência de sorriso.

O segundo organizador (ansiedade dos oito meses) foi observado em crianças a partir dos sete meses de idade, através da aproximação do pesquisador à criança na ausência materna. Para tanto, pedia-se à mãe que se afastasse, deixando a criança com o pesquisador. Anotou-se então as reações da criança.

Para a verificação do terceiro organizados observou-se crianças na faixa etária de 13' a 26 meses, frente à situação de ordens, proibições ou oferecimento.

Além dos dados de observação direta das reações apresentadas pelas crianças, coletou-se informações das mães sobre comportamentos observados no cotidiano das crianças.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Primeiro Organizador: Reação do Sorriso

A observação da reação de sorriso em visita domiciliar mostrou-se um instrumento de fácil aplicabilidade. Contudo, tratando-se de crianças pequenas, entre dois e três meses, algumas estavam dormindo durante a visita. Este fato causou um certo transtorno, tendo o observador que retornar à residência em outra data, contando ainda com a possibilidade de encontrar a criança dormindo novamente. Isto torna tal instrumento difícil de ser aplicado, uma vez que pode exigir vários retornos ao mesmo domicílio, acarretando assim dificuldades para a equipe da unidade sanitária.

Observou-se a reação de sorriso num total de 19 crianças na faixa etária de dois a quatro meses. Destas, 18 apresentaram a reação, sendo que a única que não apresentou regurgitava durante todo o tempo da visita. No decorrer do estudo, esta criança apresentou distúrbios de alimentação, chegando a perder peso.

Os dados do presente tópico do estudo sugerem que a reação de sorriso tem pequeno valor discriminatório no que se refere a screening de desenvolvimento.

O fato da criança não sorrir no momento da observação não pode ser conclusivo de que esta não apresentará tal comportamento em dias subsequentes.

O não-aparecimento do sorriso deve ocorrer em crianças com graves perturbações, como debilidades profundas, autismo, desnutrição severo. Considerando que esses tipos de distúrbios não se fizeram presentes em nossa população, todas as crianças sorriram. Essas crianças com graves perturbações provavelmente terão outros indícios de tais comprometimentos que não o sorriso.

Segundo Stone, Smith e Murphy (1973), o bebê tornou-se o competente infant. Suas capacidades discriminativas precoces foram reconhecidas em diferentes campos, tais como a visão, a audição, o olfato e o paladar.

Resultados de pesquisas mostram a existência de coordenações precoces entre a visão e a audição, a visão e a apreensão, a visão e a motricidade.

Frente a tais estudos, podemos considerar que o bebê procura o contato e a interação com o adulto desde o seu nascimento. Eleger apenas o sorriso como um indicador do sistema de comunicação é reduzir esse sistema, o que é exatamente o contrário do proposto por esta pesquisa. O sorriso é apenas uma das reações do sistema de comunicação da criança com o mundo, ao lado de outras, como a emissão sonora, a imitação de gostos, o início do jogo interpessoal, a reação do bebê à voz, ao contato, etc.

### Segundo Organizador: Reação a Estranhos

A observação desse indicador apresentou diversas dificuldades que passamos a elencar.

1. Os comportamentos observados variaram quanto a tipo e intensidade, desde um choro explícito até reações dúbias. Essas reações variaram no tempo. Como o observador foi o percebido e o registro foi feito posteriormente, essa variabilidade acabou acarretando dificuldades quanto à classificação da reação observada.
2. Houve retornos à casa apenas para verificar esse indicador, devido a criança estar indisponível ou por estar fora da faixa etária previamente determinada o momento da visita.
3. Quanto ao procedimento propriamente, qual seja, a retirada da mãe da presença da criança e a subsequente aproximação do observador desta, essa manobra não apresentou dificuldades. Contudo, aspectos metodológicos trou-

xeram complicações quanto à observação desse indicador em visita domiciliar, o que será discutido posteriormente.

De um total de 43 crianças, 24 não apresentaram a reação de estranheza, enquanto 19 crianças a apresentaram. Desse total, os dados referentes a 31 crianças contêm o registro quer da descrição da reação observada, quer da informação da mãe sobre o comportamento usual da criança.

Esses dados podem ser observados na Tabela 1.

**Tabela 1** – Distribuição das crianças observadas segundo apresentação da reação a estranhos e informação da mãe. São Paulo, 1991.

Tipo de Reação	Observado	Informado	Total
Estranha	19	15	34
Não estranha	24	16	40
Total	43	31	74

Foram consideradas reações de estranheza:

1. Choro – total ou parcial.
2. Aversão – movimento de fuga, total ou parcial.
3. Apreensão – intranquilidade, reações indicativas de desconforto.

Foram consideradas reações de não-estranheza:

1. Sorriso – qualquer sorriso.
2. Indiferença – ausência de reações observáveis.
3. Procura – estender os braços para o observador.

As reações de 31 crianças foram analisadas e resultaram na distribuição observável nas Tabelas 2 e 3.

**Tabela 2** – Distribuição das crianças com reação positiva no segundo organizador de Spitz, por tipo de reação. São Paulo, 1991.

Tipo de Reação	Nº Crianças	%
Choro	10	67
Aversão	3	20
Apreensão	2	13
Total	15	100

**Tabela 3** – Distribuição das crianças com reação negativa no segundo organizador de Spitz, por tipo de reação apresentada. São Paulo, 1991.

Tipo de Reação	Nº Crianças	%
Sorriso	8	50
Procura	5	31
Indiferente	3	19
Total	16	100

Do total de 43 crianças, 31 tiveram a reação ao estranho observada e o registro da informação materna sobre a reação usual da criança a estranhos. Esse dado foi frequentemente fornecido espontaneamente pela mãe (Tabela 4).

**Tabela 4** – Relação concordância/discordância a respeito da reação a estranhos entre a observação direta e a informação fornecida pela mãe. São Paulo, 1991.

Mãe \ Observador	Mãe		Total
	Concordância	Discordância	
Estranha	13	2	15
Não estranha	11	5	16
Total	24	7	31

Houve uma concordância de 77% entre a reação observada e a descrita pela mãe, o que pode indicar fidedignidade (não foi aplicado tratamento estatístico aos resultados) à reação observada.

Resumindo os resultados, metade do grupo de crianças entre oito e 13 meses de idade apresentou a reação a estranhos, enquanto a outra metade não apresentou. As reações de estranheza foram principalmente de choro (67%), embora outras reações talvez fossem registradas (aversão: 20%; apreensão, 13%). Entre as reações de não-estranheza, metade do grupo sorriu ao estranho, 31% fez menção de ir em sua direção e 19% ficou indiferente. Das 31 crianças em que há registro da informação sobre o comportamento usual da criança a estranhos, houve concordância entre essa informação e a observação direta em 77% dos casos.

Os resultados obtidos não estão de acordo com o esperado. Conforme descrito na literatura, a reação de estranheza, nas suas várias manifestações, ocorre geralmente na faixa etária por nós pesquisada.

O conceito de referenciamento social nos fornece algumas pistas para entendermos os comportamentos de algumas crianças. Conforme Boccia & Campos (1989), as interpretações cognitivas tradicionais da reação emocional da criança a estranhos são incompletas se se deixa de fora a consideração da percepção da criança sobre a reação emocional da mãe a estranhos. O referenciamento social é o processo através do qual um indivíduo procura sinais emocionais de outra pessoa, a fim de determinar como reagir a algo no ambiente. Desse ponto de vista, tanto o fato do estranho estar dentro do ambiente familiar da criança, quanto a sinalização materna de que esse estranho era um “amigo”, pode ter o significado de uma comunicação cujo resultado em termos emocionais foi uma diminuição ou desaparecimento do medo. Neste caso, teríamos cinquenta (31%) das 16 crianças que não estranharam a pes-

quisadora e que as mães confirmam estranharem; essas crianças não apresentariam a reação devido à comunicação emocional positiva quer materna, quer contextual.

Os dois casos de discordância entre a observação e o relato materno se deveram à observação captar, *in status Ascendi*, a reação de estranheza ainda desconhecida pela mãe. Essa verificação foi possível dada a característica longitudinal do estudo.

Os 13 casos (42%) em que a criança estranhou com concordância da mãe, embora de acordo com a expectativa e com a teoria desenvolvida por Spitz, não nos permitem concluir que a reação descrita pelo autor foi realmente observada. Estamos tendendo a concordar com Bowlby (1969) nas suas críticas a Spitz. Segundo esse autor, a estranheza por si é uma manifestação de medo e não da dor cansada pela ausência de uma pessoa. Dos 13 bebês observados, a sua relação com outros adultos parece estar na origem da reação aos estranhos em 10 crianças. Essa relação com os outros parece ser consequência de uma relação ansiôgena com a mãe. Conforme afirmam Campos & Boccia (1989), as crianças que reagem negativamente a adultos não familiares podem fazê-lo porque vêem seus pais reagir mais frequentemente de modo negativo a pessoas não familiares. Embora não concordando totalmente com essa afirmação, pudemos observar que a reação aos estranhos é função, quer da qualidade, quer da quantidade das relações da criança

Pensamos que a reação de estranheza pode se desenvolver conjuntamente com o modo como a criança aprende a se afastar ou se acercar das pessoas, esperando prazer ou dor. Temos, a favor desta hipótese, o caso de um bebê que passou a apresentar a reação após a constatação de leucemia, com as consequentes manipulações- que passou a sofrer. Outra criança passou a apresentar a reação com a ida à creche e o início concomitante do trabalho materno. Esses casos sugarem que deve-se proceder a uma investigação da relação mãe-criança e da própria criança no caso desta apresentar uma reação aguda a estranhos.

Morgan & Ricciuti (apud Bowlby, 1969) observaram que em 13 bebês (entre 32) de 10 a 12 meses de idade, o comportamento de medo de estranhos ocorria na presença da mãe. Schaffer, segundo Bowlby (1969), também verificou uma assincronia entre a ansiedade de separação e o medo de estranhos. Bowlby diz que há uma discriminação de figuras familiares muito antes do medo. Ao mesmo tempo em que pudemos perceber pelo menos três classes distintas de reações— discriminação de estranhos, reação a estranhos e

ansiedade ante a separação—, o método utilizado não permitiu verificar a ocorrência dessas relações de um modo sistemático. Porém, pode-se sugerir a necessidade de um tratamento mais sistemático para observações mais conclusivas quanto a reação a estranhos.

O que resta explicar são os 11 casos (35%) em que a criança não estranhou e a mãe concorda. Pode-se observar os seguintes fatores que concorreram para a ausência de reação:

1. Ambiente familiar favorecendo multiplicidade de contatos.
2. Crianças bem desenvolvidas e emocionalmente seguras.
3. Crianças com leve atraso no desenvolvimento.

Pode-se descrever essas crianças (que não estranharam) como saudáveis e bem dispostas, vivendo em ambiente diversificado em termos de relacionamento. Os três casos, entre 11, de crianças com algum tipo de atraso no desenvolvimento poderiam falar a favor da hipótese de que essa reação indicaria nível de desenvolvimento.

Portanto, baseados nessas três possibilidades e no acordo/desacordo entre a observação direta e o relato materno, nada se pode afirmar a respeito da reação estudada, na medida em que as hipóteses levantadas se anulam reciprocamente.

Além da reação aos estranhos poder ser entendido como um indicador do estágio de desenvolvimento da criança, o “estranho” em si está ligado a outras variáveis, segundo estudos já realizados, como:

1. Ambiente familiar ou não.
2. Idade, sexo, modo de se aproximar, etc., do estranho.
3. Proximidade da mãe, modo como a mãe se relaciona com o estranho, modo como se afasta da criança

A reação deve, portanto, ser considerada dentro de um contexto total no qual está incluído o próprio estranho, o momento de desenvolvimento da criança e a sua relação com as figuras que lhe são significativas. Interpretar a reação a estranhos à luz de uma única dimensão nos parece reduzir, e mesmo falsear, a compreensão do fenômeno.

Embora o método utilizado não permita generalizações, pode-se propor algumas hipóteses:

1. O reconhecimento de rostos estranhos é distinto da reação a estranhos.
2. A reação à separação materna é distinta da reação da proximidade do estranho.
3. O aparecimento da reação a estranhos, em alguns casos, pode indicar algum tipo de dificuldade da criança com seu ambiente.

Podemos concluir que a utilização da reação a estranhos, nas condições por nós propostas, não se revelou um bom instrumento para acompanhamento do desenvolvimento devido a não permitir diferenciar de que reação se trata, e da transformação do estranho em familiar, em função da visita domiciliar e da sinalização amistosa materna.

### Terceiro Organizador: Meneio Negativo de Cabeça

Foram pesquisadas 43 crianças entre as idades de 13 a 26 meses. Todas elas apresentaram o meneio negativo da cabeça (gesto de “não”), embora com grande variabilidade de tipos de respostas.

A maior parte das reações foram obtidas a partir de informação materna (59 em 69). Baseados nesses relatos e nas observações diretas, pode-se verificar que há duas grandes divisões quando se pretende estudar o “não”: 1) entendimento do não; 2) expressão do não.

Nesta pesquisa, devido ao conceito de sinalização à distancia com conteúdo semântico, desenvolvido por Spitz, observou-se apenas 0 “não” expressado.

As reações foram classificadas em três grupos:

- 1 – não imitativo;
- 2 – não passivo,
- 3 – não ativo.

No primeiro grupo ficaram as reações de meneio negativo de cabeça sem a intenção de co-

municar, nem de interromper a ação. Seria uma forma de jogo.

No segundo grupo ficaram as recusas da criança em ceder aos desejos dos adultos. Essa recusa geralmente é corporal, através do afastamento do corpo. Como exemplo, pode-se citar a resistência da criança à ingestão de alimento.

O não ativo é a tentativa da criança de impor o seu desejo sobre o adulto. O adulto reconhece que há uma vontade oposta à dele. Tal comportamento fica claro no seguinte relato materno: “é não mesmo”. Geralmente, esse “não” já é acompanhado de verbalização.

Há uma tendência à evolução do “não imitativo” para o passivo, e deste para o ativo, porém as idades variam e o tempo de permanência em cada fase também.

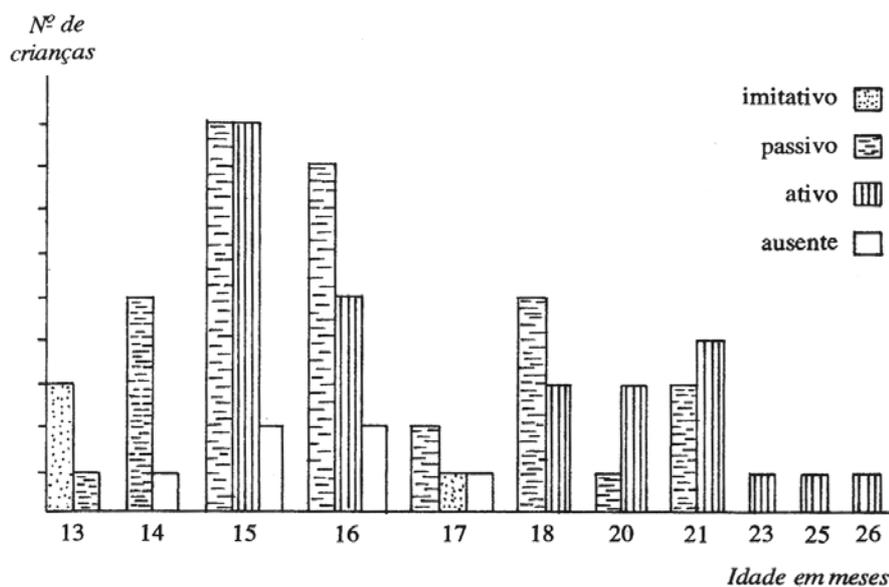
Embora não seja fácil discriminar esses três tipos de “não”, há intensidade e intencionalidade cada vez mais claras e expressas à medida que a criança aproxima-se ou atinge o “não ativo”.

O gráfico 1 representa as frequências dos três tipos de não, segundo as idades em que as crianças foram pesquisadas.

Pode-se verificar que a partir dos 18 meses todas as crianças apresentaram o “não” e, a partir dos 22 meses, todas as crianças pesquisadas já estavam no não ativo.

Devido ao desenho inicial da pesquisa, há uma concentração no número de crianças de 15 meses e 16 meses. Pode-se verificar que nesta ida-

**Gráfico 1 –** Frequência absoluta das reações de negação apresentadas pelas crianças estudadas, segundo a idade. São Paulo, 1991.



de cerca da metade das crianças atingiu o não passivo, enquanto a outra metade já está no não ativo.

A ausência do não a partir dos 16 meses deveu-se, provavelmente, a falhas na coleta da informação, pois nos dois casos, dois meses após, as crianças já estavam no não ativo. O não imitativo que apareceu aos 17 meses pareceu ser um caso de desenvolvimento retardado.

Um dado resultante do caráter qualitativo e descritivo da pesquisa foi o significado do “não” para as mães. O “não” foi incorporado por elas como controle interno do comportamento da criança, isto é, internalização de proibições, e não de expressão de desejo da criança. O relato mais extremado desse ponto de vista foi o de uma mãe que disse, frente à pergunta de como se manifesta o “não”, que seu filho de 15 meses escondia-se quando fazia algo errado, associando o “não” com o sentimento de culpa.

A observação da resposta de “não” como indicador do terceiro organizado não se apresentou como um bom instrumento para acompanhar o desenvolvimento, devido à complexidade das reações descritas e observadas.

A título de crítica, pode-se dizer que a não especificação prévia das reações a serem observadas dificultou a análise do material obtido. No entanto, trata-se de um assunto realmente complexo, pois são vários os significados e os níveis de manifestação desse “não”, tanto por parte das mães, quanto das crianças.

Ao focar a questão do desejo, julgamos que subjacente à expressão do “não” emerge a questão da identidade da criança, da sua diferenciação como ser no mundo e da sua autonomia. Através do “não” a criança passa a diferenciar o que lhe é próprio – o seu desejo – e o que está fora – o desejo do outro. Portanto, como o relato das mães indica, trata-se da questão das proibições versus os desejos, ou seja, uma área de confronto, o outro versus ele mesmo. A fase do “é meu” seria o ápice desse processo, conjuntamente com as crises de birra.

Com base nos relatos das mães, em que o “não” da criança é interpretado como desobediência, podemos entender porque e como o controle esfínteriano pode tornar-se um campo de batalha na relação mãe-criança. De falo, fezes e urina são os únicos produtos internos com os quais a criança pode “comercializar”. Como o “não” e o controle esfínteriano ocorrem em épocas próximas, dada a maturação do sistema nervoso que permite tanto o andar quanto o próprio controle, a autonomia e seus percalços acabam coincidindo com essa fase. Desse modo, a qualidade do controle externo, isto é, dos “nãos” maternos, vai sobrepor-se à qualidade dos “nãos” da criança sobre o controle esfínteriano.

Devido à importância do tema e da fase de desenvolvimento, este assunto deveria ser melhor explorado através de uma pesquisa específica. Isso porque, embora não tenha-se obtido um resultado sistemático, pode-se detectar a sua importância no desenvolvimento das crianças e de sua relação com o mundo.

O indicador “não”, conforme proposto, não é um bom instrumento para acompanhar desenvolvimento devido à complexidade das reações nele compreendidas.

## CONCLUSÃO

Os indicadores dos organizadores de Spitz (o sorriso, o medo de estranhos e o não) revelaram-se muito ricos do ponto de vista teórico. Porém, são de difícil utilização como instrumentos de acompanhamento de desenvolvimento em serviço de saúde, devido à diversidade e multiplicidade de reações apresentadas pelas crianças.

Nesse sentido, o significado da reação da criança pode não ser apreendido, deixando de contribuir para a detecção precoce de situações de risco para o desenvolvimento infantil, não permitindo uma ação preventiva, objetivo último da preocupação deste estudo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BOWLBY, J. *Trilogia Apego e Perda*. São Paulo, Martins Fontes, 1984
2. NELSON, C. A. The reorganization of facial expressions in the first two years of life: mechanisms of development. *Child Develop.* 58: 889-909, 1987.
3. SPITZ, R. A. *O Não e o Sim. A Gênese da Comunicação Humana*. São Paulo, Martins Fontes, 1978.
4. \_\_\_\_\_ *O Primeiro Ano de Vida*. São Paulo, Martins Fontes, 1979.

Refere-se ao Art. de mesmo nome, (I)II - Resultado, 67-81, 1991

Rev. Bras. Cresc. Des. Hum. S. Paulo, I(2), 1991